

O depósito de um vaso de louça preta nas Boucinhas, Regueira, Vitorino de Piães, Ponte de Lima (Norte de Portugal)

António P. Dinis *

Ana M. S. Bettencourt **

Resumo: Publica-se um recipiente de louça preta, de época histórica, ocultado na estação da Idade do Bronze das Boucinhas (Ponte de Lima) e exumado durante as escavações arqueológicas aí realizadas, em Julho de 2003.

1. Introdução

O vaso de cerâmica que aqui se apresenta foi encontrado durante as escavações arqueológicas realizadas no sítio das Boucinhas, na freguesia de Vitorino de Piães, concelho de Ponte de Lima. Este local, conhecido desde 1989 aquando da descoberta de vasos de cerâmica pré-histórica no interior de fossas abertas no saibro (ALMEIDA *et al.*, 1994), foi alvo de uma intervenção programada com o objectivo de contextualizar cultural e cronologicamente aqueles achados ocasionais e recolher ecofactos passíveis de fornecerem indicadores para a reconstituição paleoambiental deste arqueosítio ¹.

* Mestre em Arqueologia pela Universidade do Porto.

** Prof. Auxiliar da Universidade do Minho.

¹ Estes trabalhos, realizados no âmbito do projecto «*The Entre-Douro-e-Minho landscape since middle of III to the end of II millenium BC*», aprovado e financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, em 2001 (Fundos FEDER), decorreram na primeira quinzena de 2003 e tiveram a participação de Alcina Costa, Ana Lavrador, Armando Ferreira, Daniela Marques, David Caetano, Elisabete Pereira, Guilhermina Cadeco, Joana Abreu, João Ribeiro, João Silva, José Machado, Luis Loureiro, Patrícia Leite e Rafaela Silva – alunos da licenciatura em História – variante Arqueologia da Universidade do Minho.

O recipiente, quase intacto, foi exumado do interior de uma pequena fossa, cortada na camada humosa e na arena granítica, isolada de qualquer contexto arqueológico de época histórica, daí considerar-se ter sido aberta, propositadamente, para ocultação da peça.

2. Localização e contexto arqueológico

A estação arqueológica das Boucinhas localiza-se no distrito de Viana do Castelo, concelho de Ponte de Lima, freguesia de Vitorino de Piães, lugar da Regueira (Fig. 1) e corresponde à vertente norte de um outeiro de baixa altitude, denominado por Montinho. Este outeiro, com declives suaves em todos os sentidos, domina pequenos vales onde pontua o cultivo da vinha e do milho, aproveitando os solos férteis e bem irrigados pelas águas que drenam a vertente sul da serra da Nó, alimentando a ribeira do Nevoinho, afluente do Neiva.

O substrato rochoso da região é composto por comeanas e xistos² existindo afloramentos de granito na plataforma superior das Boucinhas. Nas imediações ocorrem minas de volfrâmio e de estanho.

A área é parcialmente urbanizada e agricultada, tendo na envolvente pequenas manchas de eucaliptos e pinheiros de plantio recente.

As coordenadas geográficas segundo a Carta Militar de Portugal na escala 1:25.000, folha 41 – são as seguintes (Fig. 2):

Latitude: 41°40'57" N

Longitude: 8°35'49" W

Altitude máxima: 152m.

Existem abundantes referências arqueológicas para a freguesia de Vitorino de Piães atestando a exploração continuada do território a partir da Pré-história recente/Proto-história antiga. Além da ocupação das Boucinhas, precisada nos trabalhos recentes de escavação (BETTENCOURT *et al.*, 2004), encontraram-se gravuras rupestres, de temática geométrica e inseríveis na Arte Atlântica, nos afloramentos graníticos do lugar de S. Pedro (MACIEL, 2003). Povoados fortificados da Idade do Ferro foram implantados nas vertentes da serra da Padela e da Serra da Nó, estando cartografados os de Valadas, Trás-Cidade, Crasto, S. Simão e Sabugueiro (*idem*, *ibidem*).

² Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50.000, n.º 5-A.

Diversos vestígios de época romana (ALMEIDA *et al.*, 1994) e da Alta Idade Média têm sido identificados, na área, o que indicia uma efectiva ocupação das zonas de meia-vertente e dos vales, motivada pela procura de melhores solos agrícolas.

3. Condições do achado

O vaso de cerâmica foi recolhido no interior de uma pequena fossa, denominada de Fossa 1, aberta na camada 0 e na alterite. Esta fossa, estava implantada nos quadrados E6 e F6 do Sector 1, área de escavação aberta na plataforma superior da estação arqueológica, no interior de um recinto natural, delimitado por afloramentos graníticos.

Neste sector, escavaram-se duas valas de sondagem, perpendiculares, orientadas no sentido Norte-Sul e Este-Oeste, numa área total de 22m², tendo o achado ocorrido sensivelmente no seu ponto de intersecção (Fig. 3).

3.1. Estratigrafia

A sequência estratigráfica identificada neste sector foi a seguinte:

Camada 0 – terra heterogénea, de matriz castanha escura, embora com manchas mais claras. É areno-limosa (mais limosa), nada compacta, com calhaus de pequeno porte, raízes e carvões esparsos. Camada humosa.

Camada 0' – idêntica à anterior mas de maior compacidade.

Camada 1 – camada geológica, de cor amarelada correspondente à alteração da rocha de base.

3.2. Estruturas

A escavação do Sector 1 não revelou estruturas arqueológicas relacionadas com os achados de 1989. A única estrutura identificada foi a Fossa 1, de contorno sub-circular e secção em U, tendo no seu interior pedras dispostas em cunha, de pequeno e médio calibre, as quais contornavam o recipiente de cerâmica (Figs. 4 e 5).

3.3. Espólio

Para além do exemplar que abaixo se descreve (Figs. 6 e 7), foram encontrados, na camada 0, fragmentos cerâmicos de época histórica e 2 fragmentos de fabrico manual, pasta arenosa e cozedura redutora, inseríveis na Idade do Bronze.

3.3.1. *Descrição do Vaso*

Dimensões:

Altura – 22 cm

Diâmetro da abertura – 10 cm

Diâmetro da pança – 19 cm

Diâmetro da base – 9 cm

Espessura média das paredes – 0.4 cm

Descrição técnica:

Exemplar de fabrico à roda, de cor cinzenta, com sinais de fuligem sobre a pança. Pasta de textura fina e superfícies com acabamento polido, no exterior, e alisado, no interior, com sulcos paralelos, bem marcados, fixados durante o processo de modelação. Estas marcas tornam-se perceptíveis na superfície exterior, devido à reduzida espessura das paredes, assumindo aqui uma forma de bandas onduladas que enriquecem a estética da peça. A cozedura, redutora, apresenta qualidade mediana.

Descrição morfológica:

Recipiente fechado, liso, bordo esvasado com espessamento exterior rematado por lábio boleado, colo muito pronunciado e curto, pança ovóide com base de fundo plano simples. Corresponde à forma designada por panela, segundo nomenclatura proposta por CARVALHO *et al.*, 1996.

Estado de conservação:

Apresenta-se fracturado e falta-lhe mais de metade do bordo e parte do colo.

Análise química³:

A análise química foi efectuada por espectrometria de fluorescência de raios X, tendo fornecido o seguinte resultado⁴:

SiO ²	Al ₂ O ³	Fe ₂ O ³	K ₂ O	Na ₂ O	TiO ²	CaO	MgO	Ba	Zr	Sr	Rb	Mn
55,77	26,39	10,46	3,80	0,16	1,47	0,29	1,47	730	340	110	290	490

Os dados permitiram identificar a zona de Cruto/Carvalinhos como local de proveniência do barro analisado. Estes barreiros, situados nas freguesias de Cervães e Prado Santa Maria, inserem-se no centro produtor de Prado, concelhos de Vila Verde e Barcelos.

4. Discussão dos dados e conclusões

A descontextualização deste achado e a ausência de quaisquer evidências no seu interior coloca-nos problemas quanto à cronologia da sua ocultação e, conseqüentemente, às razões que a terão motivado. Nessa circunstância, a aproximação à data em que o facto ocorreu só será possível pela valorização da peça enquanto produto de um determinado centro oleiro, articulando-a com exemplares semelhantes, provenientes de contextos estratigráficos com cronologias finas, tarefa que se afigura difícil face ao diminuto número de trabalhos publicados. A este propósito, convém ainda chamar a atenção para o conservadorismo formal e técnico desta louça, circunstância condicionadora dos resultados e condição necessária à inserção da peça num espaço cronológico amplo.

Definidos os limites temporais, torna-se necessário listar, entre as memórias históricas, os acontecimentos de maior impacto na região, sejam episódios de guerras ou revoltas populares, geradores de conjunturas capazes de lançar o pânico e fomentar o terror no imaginário local sendo, por conseguinte, propícias à ocultação temporária de dinheiro, jóias ou outros pequenos objectos de considerável valor.

³ A análise química foi realizada no Laboratório de Análises Químicas da TecMinho. Agradecemos ao Professor Doutor Fernando Castro as facilidades concedidas na realização desta análise e o relatório que escreveu para acompanhar os resultados.

⁴ Os teores de Ba, Zr, Sr, Rb e Mn encontram-se expressos em mg/kg, estando os resultados dos óxidos apresentados em % ponderal.

4.1. Sobre a origem da peça

A investigação mais recente sobre olaria tradicional situa a cerca de 10kms os centros produtores de louça preta mais próximos das Boucinhas. Trata-se de Lanheses, no concelho de Viana do Castelo e Prado, no antigo concelho homónimo, actualmente integrado nos de Vila Verde e Barcelos.

O primeiro centro oleiro, extinto na década de 1940, teria iniciado a produção no século XIX por migração de oleiros oriundos de Prado, fenómeno bem expresso na semelhança técnica e formal com as produções sincrónicas das olarias de Parada de Gatim e S. Mamede de Escariz. Além de abastecer o público local e o mercado de Viana do Castelo, a louça de Lanheses era vendida na feira de Ponte de Lima, sendo o seu transporte efectuado pelo rio Lima (FERNANDES, 1996: 14-15).

O centro oleiro de Prado, já documentado no reinado de D. Afonso II (1220), é considerado um dos mais importantes locais de produção cerâmica do Norte de Portugal. Embora as mais antigas referências ao fabrico de louça preta neste centro datem somente de 1645 (FERNANDES, 1997: 43), têm aparecido, em contextos de época medieval, fragmentos de cerâmica negra atribuíveis a Prado, nomeadamente nas escavações arqueológicas do Mosteiro de Tibães (FONTES *et al.*, 1998), o que indicia que as produções referenciadas nas inquirições medievais poderão reportar-se, também, a louça preta. Além de estar presente nos mercados de Viana do Castelo, Guimarães, Braga e Porto, a louça de Prado, tal como a de Lanheses, tinha na feira quinzenal de Ponte de Lima e nas «feiras novas» – feiras francas que aí se realizavam anualmente –, um dos principais locais de escoamento das suas produções (ARAÚJO, 1998: 42).

Descartada a hipótese do vaso das Boucinhas ser proveniente de Lanheses, por não se encontrarem paralelos nas cerâmicas etnográficas produzidas naquele centro oleiro, atribuímos esta peça às olarias de Prado, fazendo recuar a sua produção para um período anterior a oitocentos. A nossa intuição sobre tal origem, baseada na proximidade geográfica dos locais de produção e de aquisição e nas características técnicas perceptíveis na análise macroscópica, foi sancionada pela análise química cujos resultados se aproximam dos obtidos para amostras de argila provenientes de barreiros de Cruto e Carvalinhos, abastecedores de matéria-prima dos oleiros de Prado (CASTRO, 1998: 136-137). Não obstante ter verificado algum distanciamento relativamente aos grupos de amostras etnográficas e arqueológicas, claramente caracterizadas das produções daquele centro oleiro, no comentário à análise química o relator conclui que resulta muito forte a probabilidade da peça das Boucinhas ser fabrico de Prado, uma vez que é com aquelas produções que esta melhor se identifica.

4.2. Paralelos e cronologia

Um respigo pela bibliografia especializada em produções de louça negra que, infelizmente, não nos proporciona grandes dados anteriores à segunda metade do século XIX, forneceu-nos o exemplar mais próximo do vaso das Boucinhas, proveniente de contextos cronologicamente situados no século XVI. Trata-se de uma panela⁵ exumada nas escavações arqueológicas da Casa do Infante (Porto), encontrada *in situ*, numa cavidade do pavimento de tijoleira, num dos compartimentos do edifício onde funcionou a Casa da Moeda entre os séculos XIV e XVI (DÓRDIO, *et al.*, 1997). De notar que estas escavações têm revelado a presença significativa de cerâmicas pretas, originárias de Prado, destacando-se a partir de meados/terceiro quartel do século XVII as panelas (BARREIRA *et al.*, 1997: 88-89), onde encontramos bordos semelhantes aos do recipiente das Boucinhas.

Recentemente, tomámos conhecimento que nos trabalhos de recuperação da Igreja Matriz de Caminha, levados a cabo pelo IPPAR, tinha aparecido uma panela de cerâmica preta pintada a dourado, colocada no fecho da abóbada da capela-mor⁶. Esta peça, atribuída pela direcção dos trabalhos ao centro oleiro de Prado, tem a singularidade de se apresentar como uma réplica, em tamanho um pouco superior, do exemplar agora em estudo. As características técnicas e formais das duas peças são surpreendentes, pelo que aquele achado reveste-se de grande importância para a afinação da cronologia da panela das Boucinhas. Embora a construção da abóbada da capela-mor da Igreja Matriz de Caminha se situe nos finais do século XV/inícios do século XVI, resulta problemática a atribuição desta data ao recipiente encontrado no seu fecho. De facto, a natureza do material – barro em contraste com a pedra em que é feita a abóbada – e a circunstância da peça estar dourada, assumindo-se como um elemento decorativo de talha, leva-nos a atribuir-lhe uma cronologia mais recente e mais consentânea com uma estética barroca em que a peça parece ter sido enquadrada. Assim, entendemos que a utilização desta panela, no fecho da abóbada da capela-mor, deverá ter acontecido num contexto de reorganização/remodelação daquele espaço, eventualmente em articulação com a colocação de um novo retábulo-mor, talvez ocorrido nos finais do século XVII ou, com maior probabilidade durante o século XVIII.

⁵ Vd. (LIMA *et al.*, 1997: 160, n.º 24).

⁶ Agradecemos a Javier Larrazabal, director dos trabalhos de recuperação, as informações que nos prestou e autorização para as divulgarmos.

Temos assim, uma amplitude cronológica para este tipo de recipiente cerâmico que vai, pelo menos, desde o século XVI ao XVIII, sem que se possam excluir pervivências.

Vejamos, agora, que factos históricos ocorreram na região de Ponte de Lima associados sensivelmente a esta cronologia e que possam justificar fenómenos de ocultação temporária.

4.2. Factos históricos

Tomando em linha de conta os acontecimentos históricos mais marcantes no Norte de Portugal, ocorridos entre os séculos XVI e XIX, assume papel relevante para a região em estudo o impacto das invasões francesas sobre as comunidades locais, especialmente durante a segunda invasão comandada por Soult que teve aqui o seu principal palco. É neste contexto que se evidencia o período compreendido entre Fevereiro e Maio de 1809, quando as tropas napoleónicas dos generais Heudelete e Lorges, após a conquista da cidade do Porto, rumaram ao Alto Minho com a finalidade de fazerem a ligação com os exércitos estacionados em Tui, abrindo assim um corredor pelo litoral (MATOS, 2000: 59). O trajecto de Barcelos a Ponte de Lima, percorrido nos primeiros dias do mês de Abril, terá passado relativamente perto da freguesia de Vitorino de Piães, causando grande alarido entre as populações das localidades vizinhas devido aos saques e ao elevado número de mortos que provocaram, ocasionando, por certo, o abandono dos seus haveres e a procura de refúgio onde o perigo fosse menor.

Sabemos que houve escaramuças na freguesia da Correlhã (MORAIS, 1988: 36) e intensos combates na vila de Ponte de Lima e em Arcozelo – onde montaram acampamento sobre o rio – resultando dos confrontos muitas baixas especialmente civis (MATOS, 2000: 48).

A grave situação apontada para a região de Ponte de Lima com assaltos às habitações e fuzilamentos, responsável por uma grande desorganização da vida social e religiosa, parece-nos ser motivo plausível para a ocultação, no sítio das Boucinhas, de uma panela velha, nos inícios do século XIX, com algo valioso no seu interior. Passado o perigo e recuperado o valor que havia sido escondido, os proprietários abandonaram a panela, entretanto fracturada, uma vez que ela tinha deixava de ter qualquer utilidade.

Bibliografia

- ALMEIDA, C. A. B.; M. I. S. MAIA; M. M. L. MOREIRA e A. J. BAPTISTA (1994). A estação do Bronze Final da Regueira, Vitorino de Piães - Ponte de Lima, *Revista da Faculdade de Letras. História*, 2.ª série, 11, Porto, pp. 547-565.
- ARAÚJO, A. S. (1998). As louças de Prado: notas para a história da louça preta, *Olaria*, 2, Barcelos, pp. 29-50.
- BETTENCOURT, A. M. S.; A. DINIS; A. SILVA; A. M. VEIGA; E. RIBEIRO; H. CARDOSO; L. VILAS BOAS e M. J. AMORIM (2004). A Estação Arqueológica das Boucinhas, Regueira, Vitorino de Piães, Ponte de Lima (Norte de Portugal), *Portugália*, nova série, XXV, Porto (no prelo).
- BARREIRA, P.; P. DÓRDIO e R. TEIXEIRA (1997). A presença de louça preta no mercado do Porto (sécs. XVI a XVIII). Uma amostragem a partir do estudo das cerâmicas arqueológicas da casa do Infante, *A louça preta em Portugal: olhares cruzados*, CRAT, Porto, pp. 87-93.
- CARVALHO, T. P.; A. M. S. P. SILVA e M. D. G. CRUZ (1996). Olaria tradicional de Molelos (Tondela, Viseu). Contributos para uma análise etnoarqueológica, *Actas do 1.º Encontro de Olaria Tradicional, Matosinhos*, Comissão de Festas do Senhor de Matosinhos - Câmara Municipal de Matosinhos, Matosinhos, pp. 25-55.
- CASTRO, F. (1998). Caracterização físico-química de argilas e amostras etnográficas da região de Prado/Vila Verde/Barcelos, *Olaria*, 2, Barcelos, pp. 131-138.
- DÓRDIO, P.; R. TEIXEIRA e P. BARREIRA (1997). 200 anos de cerâmica na Casa do Infante e no Porto: do século XVI a meados do século XVIII, *Actas das II Jornadas Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela.
- FERNANDES, I. M. (1996). Centros produtores de louça preta da região Norte, *Olaria*, 1, Barcelos, pp. 11-36.
- FERNANDES, I. M. (1997). As olarias de louça preta de Prado, *A louça preta em Portugal: olhares cruzados*, CRAT, Porto, pp. 43-45.
- FONTES, L.; I. FERNANDES e F. CASTRO (1998). Peças de louça preta decoradas com moscovite encontradas nas escavações arqueológicas do mosteiro de S. Martinho de Tibães, *Actas do II Encontro de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, Câmara Municipal de Tondela, Tondela, pp. 355-363.
- LIMA, A. C. P.; M. C. MILHAZES e P. DÓRDIO (1997). Catálogo de peças. Parada de Gatim e São Mamede de Escariz, Vila Verde, Braga, *A louça preta em Portugal: olhares cruzados*, CRAT, Porto, pp. 160-162.
- MATOS, H. J. M. (2000). *O Minho e as Invasões Francesas. Uma perspectiva municipal*, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais - Centro de Ciências Históricas e Sociais, Braga.
- MORAIS, A. T. (1988). Episódios das Invasões Francesas. A «Batalha» de Campo Raso - Correlhã, *Vila de Ponte*, 3. Janeiro 1988, pp. 33-38.

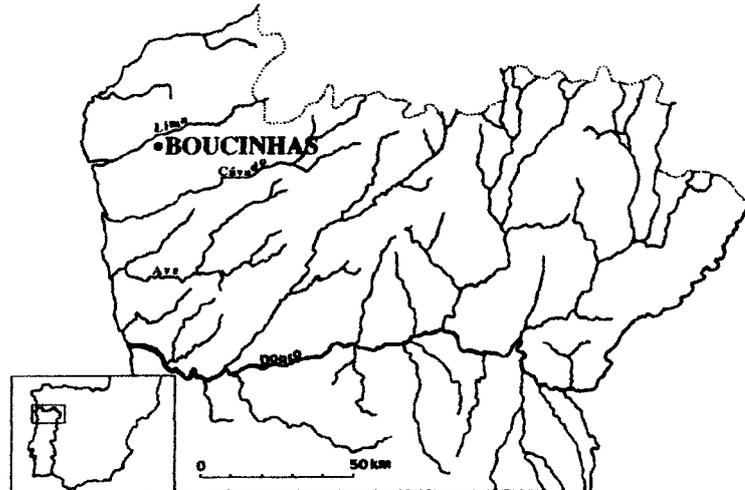


Fig. 1. Localização das Boucinhas na Península Ibérica e Norte de Portugal.



Fig. 2. Implantação das Boucinhas na C.M.P., esc. 1:25 000.

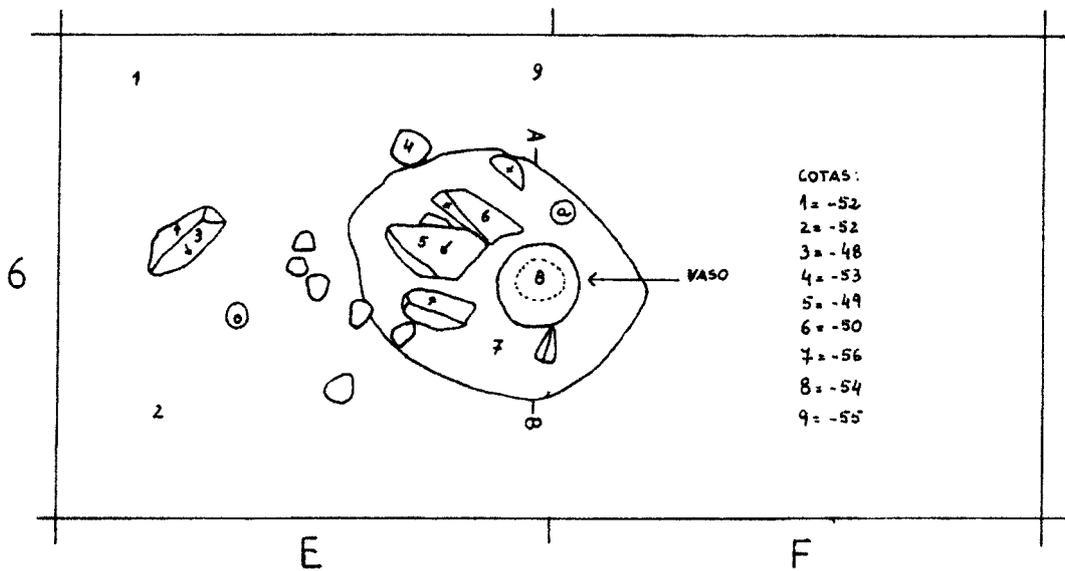


Fig. 5. Planodos quadrados E6 e F6.



Fig. 6. Secção da fossa de onde foi retirado o vaso de cerâmica.

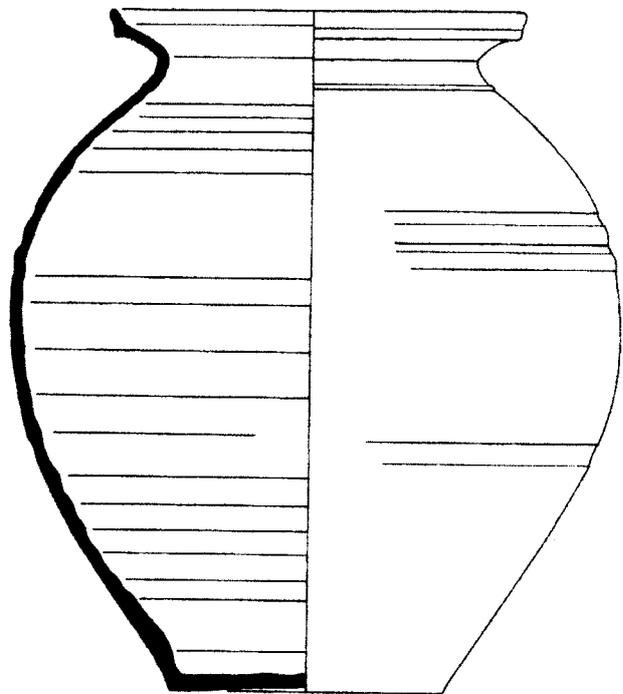


Fig. 7. Vaso completo exumado nos quadrados E6 e F6.



Fig. 8. Fossa contendo vaso de cerâmica.



Fig. 9. Pormenor do vaso exumado nos quadrados E6-F6.